



A cruzada “alternativa” da Brasil Paralelo: a história como instrumento da guerra cultural

The “alternative” crusade of Brasil Paralelo: history as an instrument of cultural war

Karina Oliveira Brito

 <https://orcid.org/0000-0002-4149-791X>
Instituto Federal de Mato Grosso

Oswaldo Rodrigues Junior

 <https://orcid.org/0000-0001-7418-9705>
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: O artigo apresenta resultados de pesquisa que teve como objetivo analisar a natureza do discurso da série *Brasil: a última cruzada*, produzida pela empresa Brasil Paralelo. Os objetivos específicos foram: 1) Conhecer a história da Brasil Paralelo e o seu papel na guerra cultural contemporânea no Brasil; 2) Compreender o surgimento da *alt-right* e da *alt-history*; 3) Refletir sobre os impactos da *alt history* para o ensino de História. Metodologicamente o trabalho utilizou as ferramentas digitais na coleta, organização e análise dos dados. O referencial teórico está sustentado nos debates sobre guerra cultural, *alt-right* e *alt-history*. Partimos da hipótese de que a Brasil Paralelo utiliza a História como instrumento da guerra cultural produzindo uma narrativa “alternativa”. Os resultados permitiram identificar a série *Brasil: a última cruzada* como exemplo de *alt history*.

Palavras-chave: Brasil Paralelo. Guerra Cultural. Direita alternativa. História alternativa. Ensino de História.

Abstract: The article presents research results that aimed to analyze the nature of the discourse in the series “Brazil: the last crusade” produced by the company Brasil Paralelo. The specific objectives were: 1) To know the history of Brasil Paralelo and its role in the contemporary cultural war in Brazil; 2) Understand the emergence of alt-right and alt-history; 3) Reflect on the impacts of alt history for the teaching of history. Methodologically, the work used the digital tools in the collection, organization and analysis of data. The theoretical framework is supported by debates on culture war, alt-right and alt-history. We start from the hypothesis that Brasil Paralelo uses History as an instrument of cultural war, producing an “alternative” narrative. The results allowed us to identify the series “Brazil: the last crusade” as an example of alt history.

Keywords: Brasil Paralelo. Culture War. Alt-Right. Alt-History. Teaching history.

Em 1988 foi inaugurada a exposição “The Perfect Moment”, que celebrava a carreira do fotógrafo norte-americano Robert Mapplethorpe. Reunindo fotografias de todas as fases da carreira do artista, a exposição apresentava desde autorretratos e retratos de celebridades até imagens homoeróticas. Poucos meses depois, Mapplethorpe faleceu vítima da AIDS.

A exposição foi levada para o Museu de Arte Contemporânea de Chicago e teve recepção positiva da crítica. Contudo, pouco depois da estreia, o cancelamento da exposição que seria realizada na Corcoran Gallery of Art de Washington deu origem a um debate nacional sobre o financiamento da arte nos Estados Unidos da América. A exposição era financiada pelo National Endowment for the Arts.

Em protesto, manifestantes projetaram as fotos de Mapplethorpe na Corcoran Gallery of Art



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

de Washington e Michael Brenson, crítico de arte do New York Times, criticou o cancelamento da exposição. De outro lado, o senador conservador Jesse Helms apresentou um projeto que propunha a proibição ao financiamento de obras de arte consideradas “obscenas” pelo National Endowment for the Arts. Os Citizens for Community Values, associação cristã conservadora, encampou uma campanha que tinha como objetivo cancelar a exposição no Contemporary Arts Center. O caso foi judicializado e os responsáveis e o centro de artes absolvidos da acusação de obscenidade.

Quase trinta anos mais tarde, no dia 26 de setembro de 2017, o artista Wagner Schwartz estreou a performance “La Bête”, na estreia do 35º Panorama de Arte Brasileira, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Inspirada em um trabalho de Lygia Clark, a performance tinha como objetivo proporcionar um contato mais direto com as esculturas. Em um momento, Wagner aparece manipulando uma escultura de plástico. Na sequência, o artista se deitou e foi tocado nos pés pela performer e coreógrafa Elisabete Finger, acompanhada da filha de quatro anos.

Um vídeo da performance divulgado nas redes sociais gerou uma onda de revolta. O Movimento Brasil Livre (MBL) categorizou a apresentação como “repugnante”, “inaceitável”, “erotização infantil”, “afronta” e “crime”. O então deputado federal e pré-candidato a presidência Jair Bolsonaro relacionou a performance a “pedofilia” e chamou os artistas e responsáveis de “canalhas”. O deputado Marco Feliciano (PSC-SP) caracterizou os envolvidos como “destruidores da família”.

O Museu de Arte Moderna (MAM) informou que a sala estava devidamente sinalizada sobre o conteúdo de nudez, e que a performance não possuía conotação “erótica”, sendo uma adaptação da obra Bicho de Lygia Clark. Ainda indicou que a leitura interpretativa já fora apresentada em outras ocasiões e espaços.

Em comum, os dois casos representam as tensões envolvendo a pauta da sexualidade, um dos pilares da chamada “guerra cultural”. De acordo com Eduardo Wolf, “Kulturkampf” ou “guerra cultural” é um conceito originado no contexto de unificação da Alemanha no século 19, e está relacionado aos conflitos sobre o papel do Estado, das políticas públicas e dos valores expressos por elas. Neste contexto, a tensão estava situada em dois modelos de sociedade: secular e religiosa.

No século 20, o conceito ganhou novos contornos. Apropriado pelos norte-americanos, ele passou a representar os conflitos envolvendo etnias, religiosidade e sexualidade. Os exemplos acima descritos permitem visualizar as tensões envolvendo a sexualidade representadas pelas artes. Nos dois casos, grupos com valores distintos se posicionaram de forma conflituosa no espaço público.

O surgimento da *alt-right* ou “direita alternativa” norte americana, movimento político radical e extremista, contribuiu para a propagação da “guerra cultural”. Esse movimento tem sido tomado como modelo por grupos políticos brasileiros que defendem o “resgate da cultura brasileira”. Na leitura desses grupos, esse resgate passa necessariamente pela “disputa de narrativas” sobre a história, a política e a cultura nacional. Neste íterim, a disciplina de História é um locus privilegiado de tensionamentos e disputas.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo analisar os usos da História como instrumento da guerra cultural a partir da análise do caso da empresa Brasil Paralelo. Para isso, faremos uma análise da série “A última cruzada”, lançada pela empresa em 2016. A série contém seis episódios sobre a História do Brasil. A problemática do trabalho está direcionada a compreensão da natureza da História proposta na série pela empresa.

Metodologicamente o trabalho utilizou alguns procedimentos da análise de conteúdo. No campo teórico o trabalho está sustentado nos debates sobre a *alt-right*, a guerra cultural e a *alt history*.

O artigo está estruturado em três partes. Na primeira propõe-se a apresentação da empresa Brasil Paralelo enquanto produtora de conteúdos históricos. Para isso, partimos da compreensão das mudanças proporcionadas pela cultura digital e dos seus impactos nas formas de comunicação.

Em um segundo momento discutir-se-á a *alt-right* norte americana enquanto movimento político-cultural. Considera-se ainda que a *alt-right* deu origem a um movimento de tentativa de “reescrita” da História entendido como *alt-history*. Por fim, na terceira parte, serão problematizados os desafios para o ensino de História ocasionados pelas *alt-history*.

A Brasil Paralelo: produção de conteúdo histórico e guerra cultural

O século 21 se tornou o século virtual no qual as redes digitais se fizeram cada vez mais presentes nos mais variados aspectos de nossas vidas. Embora as mídias que emergiram na primeira metade do século 20, como o rádio, televisão e cinema, tivessem motivado grandes mudanças na sociedade, as novas tecnologias advindas da informatização foram (e vêm sendo) ainda mais impactantes. Essas novas tecnologias da informação e comunicação relacionam-se cada vez mais à internet e aos variados recursos e ferramentas que ela proporciona. Se o advento da televisão tornou efervescente o debate sobre como essa mídia influía sobre a sociedade e cultura, a difusão do uso da internet tornou as discussões ainda mais abrangentes em diferentes campos científicos.

Os impactos dessa cultura digital foram sentidos pela história. A amplificação do público para além do mundo acadêmico e a perda do monopólio sobre a interpretação e produção de história pelo historiador profissional abriram espaço ainda maior para as formas de história não acadêmica. No entendimento de Malerba (2017), “A história não mais se produz somente na academia, muito menos se veicula apenas por meio do livro impresso. As plataformas digitais subverteram as bases da produção e circulação das narrativas sobre o passado” (MALERBA, 2017, p. 142).

O consumo de história se alargou exponencialmente para além da audiência da mídia televisiva e impressa: blogs, redes sociais, páginas de produção colaborativa, uma infinidade de plataformas digitais, facilitaram o acesso, a circulação e o alcance de informações, dados e uma multiplicidade de discursos. Com elementos que atraem um público cada vez maior, como imagens, textos curtos, vídeos e que possibilitam a interatividade e o reforço das próprias expectativas e ideologias individuais, as mídias digitais têm alterado não apenas a produção como também a relação do público com a História.

Embora a democratização da produção histórica venha se desenvolvendo já há algum tempo, nesse novo contexto o historiador se vê frente ao desafio de lidar com as diferentes formas de conhecimento histórico advindas das tecnologias digitais. Elas operam, como já mencionado, fora dos campos de atuação a que estava ambientado o historiador tradicional; um campo “onde a perícia narrativa e as articulações mercadológicas parecem ser suficientes para garantir a qualquer leigo o domínio do ofício” (MALERBA, 2017, p. 42).

As preocupações e críticas suscitadas por historiadores com esse tipo de história não acadêmica emergente (e que alcança um grande público) nos convidam a refletir sobre questões como a falta de contextualização histórica, a superficial crítica documental, a consolidação de versões reacionárias ou conservadoras com propósitos partidários claros, além da forma como está acontecendo a formação da consciência histórica do grande público dentro do amplo campo da cultura contemporânea (MALERBA, 2017, p. 42-43).

Foi nessa conjuntura de avanço das mídias digitais no Brasil e do contexto sociopolítico experienciado pelo país a partir de 2014 (com eventos que culminaram com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff) que surgiu a empresa Brasil Paralelo. A empresa foi criada em Porto Alegre, no ano de 2016, por um grupo de estudantes (Lucas Ferrugem, Filipe Valerim e Henrique Viana), “empreendedores” do curso de administração da Escola Superior de Propaganda e Marketing (MENEGALE; BERLANZA; AZEVEDO, 2018). Em 4 anos, a Brasil Paralelo cresceu vertiginosamente, se consolidando através da internet como uma das principais fontes na difusão de ideias que alcançam milhões de visualizações.

No YouTube, o canal da empresa – criado em 25 de julho de 2016 – conta com 1,85 milhões

de inscritos, tendo mais de 122 milhões de visualizações. No mês de agosto de 2021 o canal teve 50 mil novos inscritos. O perfil do Twitter da empresa tem 45.717 seguidores, sendo que no mesmo mês de agosto teve um crescimento de 370,8%. Já o perfil no Facebook conta com 626.333 seguidores e mais de 500 mil likes. No Instagram o perfil da empresa conta com 959 mil seguidores¹.

A empresa, registrada como uma sociedade de produções audiovisuais (LHT Higgs produções audiovisuais LTDA), além de produzir o que eles denominam como documentários sobre política, história e atualidades, oferta em sua página na internet cursos sobre “história, economia, política e cultura”. O site da empresa afirma que “o conteúdo mais aprofundado da Brasil Paralelo foi reunido em uma experiência exclusiva de autoeducação” (BRASIL PARALELO).

Embora ofereça um leque de produtos em seu site, alguns de acesso exclusivo para os assinantes, os vídeos da empresa são encontrados gratuitamente na plataforma Youtube, e todos podem visitar e seguir seus perfis nas redes sociais Twitter, Facebook e Instagram.

A ideia inicial dos criadores era gravar uma série de entrevistas e disponibilizá-las gratuitamente ao vivo, cobrando uma taxa do público que quisesse assistir posteriormente. Contudo os idealizadores da empresa perceberam a inviabilidade da ideia ao se deparar com entrevistas longas e que abordavam diferentes temáticas. Foi então que chegaram ao formato atual, editando as diversas entrevistas, conectando-as em uma narrativa didática e atraente sobre temáticas que se relacionassem à conjuntura política do país. Valerim esclarece que “a logo da empresa tem o formato de um buraco de minhoca justamente para dar a ideia de que a marca é a conexão com uma realidade paralela. No caso, paralela ao que as pessoas estavam acostumadas a ver na grande mídia” (MENECALE; BERLANZA; AZEVEDO, 2018).

A primeira série lançada pela empresa, em setembro de 2017, *Brasil a Última Cruzada*, possui seis episódios. O site da empresa assim a descreve: “a série Brasil, a Última Cruzada é o maior resgate histórico já produzido sobre o nosso país” (BRASIL PARALELO). Com depoimentos e entrevistas, a série questiona a historiografia acadêmica, afirmando buscar a verdadeira história sobre a formação do Brasil fugindo de narrativas marxistas que, de acordo com a empresa, dominam as escolas brasileiras.

Diversos nomes da direita e extrema direita estão no rol de entrevistados nas séries, como Olavo de Carvalho, Luiz Philippe de Orléans e Bragança, Jair Messias Bolsonaro, Ernesto Araújo, José Carlos Sepúlveda, Hélio Beltrão, Janaina Paschoal, Luiz Felipe Pondé, Rodrigo Constantino, Bernardo Kuster, o historiador Thomas Giulliano Ferreira Santos, o atual presidente da Biblioteca Nacional Rafael Nogueira, Filipe Martins, entre outros. Sobre a escolha dos entrevistados, Valerim esclarece “geralmente somos orientados pelo nível de especialidade e a capacidade de expressão dos entrevistados” e que se norteiam por três atributos tanto para delimitar as temáticas quanto para selecionar os entrevistados que são a “didática, storytelling e design” (BOLETIM DA LIBERDADE, 2018). Outro sócio da empresa, Lucas Ferrugem esclarece sobre as temáticas das produções:

[Discutir] o que é direita e esquerda é justamente nosso ambiente de pesquisa e produção intelectual, Palavras como 'direita' e 'esquerda' são como guarda-chuvas para aglutinar milhões de pessoas, que certamente discordam muito entre si. Então, que outro espectro se pode utilizar? Prefiro conservadores versus revolucionários. E aí afirmo que nós somos conservadores, na interpretação rigorosa da palavra: entender que temos uma história, construída graças a muitos elos da nossa civilização, e que mudanças podem acontecer, mas não impostas de cima para baixo (SAYURI, 2020).

Embora seus sócios afirmem ter iniciado a empresa com investimento baixo do próprio bolso, a Brasil Paralelo cresceu exponencialmente. Atualmente possui cerca de 100 funcionários e ocupa um andar inteiro de um prédio comercial da Avenida Paulista em São Paulo, tendo no ano de 2020 um faturamento que chegou aos 30 milhões de reais (ZANINI, 2021). No Facebook, o perfil

¹ Os dados foram extraídos da plataforma Social Blade. Disponível em: <https://socialblade.com/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

da empresa é um dos que mais tem investido em anúncios de temas políticos e sociais para impulsionar suas postagens (BAZZAN, 2020). Esses dados deixam claro o quanto a empresa tem se beneficiado da conjuntura política pós 2016.

O grande investimento em vídeos com temáticas culturais, políticas e históricas se direciona a um mercado de interesse da empresa: a educação. Com um nicho consumidor cada vez mais diversificado, a Brasil Paralelo demonstra não desejar mais que seu conteúdo fique restrito apenas ao YouTube.

Em dezembro de 2019, os episódios da série *Brasil: A última cruzada* foram exibidos no canal aberto TV Escola. A produtora pretende ainda se lançar em uma nova e própria plataforma de Streaming deixando claro que seus planos na área da educação e cultura são muito mais ambiciosos como enunciado em sua webpage:

Um novo ciclo da Brasil Paralelo. Nossa história foi feita de ciclos. Cada um deles marcado por um desafio. [...] Durante nossa trajetória mudamos inúmeras coisas. Mas a essência sempre foi a mesma: fazer do cinema e das formações uma ferramenta de resgate cultural. Na verdade, é como se estivéssemos predestinados a isso desde que realizamos nosso primeiro lançamento. Conseguimos alcançar +20 milhões de brasileiros com nosso trabalho. Fomos pioneiros e desenvolvemos uma nova forma de estudar história, política e economia com nossos filmes e cursos (BRASIL PARALELO).

É possível observar a constante referência à cultura nas descrições dos vídeos, entrevistas e materiais produzidos pela empresa. A ideia de resgate cultural permeia as ações e práticas da Brasil Paralelo. Este resgate, vinculado ao conjunto de ideias defendidas pelos proprietários da empresa, está representado pela produção audiovisual que perpassa diferentes temáticas da história, política, economia e cultura do Brasil. Dessa forma, defende-se a hipótese de que a empresa opera como agente da guerra cultural, entendida enquanto um conflito entre diferentes formas de compreender o mundo.

Conforme indicado na introdução deste texto, a gênese do conceito de guerra cultural está relacionada ao contexto de unificação alemã, em que se tensionavam projetos de Estado seculares e religiosos. No entanto, o conceito proposto neste trabalho está relacionado à significação difundida pelo sociólogo estadunidense James Davison Hunter a partir da década de 1990.

De acordo com Hunter, a Guerra Cultural é caracterizada como uma disputa de valores e ideias que envolvem não apenas o debate público. “Eu defino guerra cultural simplesmente como hostilidade política e social enraizada em diferentes sistemas de compreensão moral. O fim para o qual essas hostilidades tendem é o domínio do *ethos* cultural e moral sobre todos os outros² (HUNTER, 1991, p. 42).

Essas disputas de visões sociais, sedimentadas em distintos esquemas de compreensão, não surgiram de divergências acadêmicas sobre formas apropriadas de estruturas morais ou teorias sobre verdades doutrinárias. O que ocorreu foi o surgimento de um pluralismo desconfortável que causou um confronto de natureza mais aprofundada: uma disputa para definir a realidade social (HUNTER, 1991, p. 39).

Embora visões morais concorrentes estejam no cerne da guerra cultural atual, elas nem sempre tomam forma em visões de mundo coerentes, claramente articuladas e nitidamente diferenciadas. Em vez disso, essas visões morais se expressam como impulsos ou tendências polarizadoras na cultura americana. É importante, a esta luz, fazer uma distinção entre como essas visões morais são institucionalizadas em diferentes organizações e na retórica pública, e como os americanos comuns se relacionam com elas (HUNTER, 1991, p. 43)³.

² I define cultural conflict very simply as political and social hostility rooted in different systems of moral understanding. The end to which these hostilities tend is the domination of the cultural and moral ethos over all others (HUNTER, 1991, p. 42).

³ Though competing moral visions are at the heart of today’s culture war, these do not always take form in coherent, clearly

Chapman elucida ainda que essa guerra cultural não ocorre em um ou outro determinado espaço, mas que:

[...] as escaramuças das guerras culturais geralmente têm sido contidas dentro de um sistema de estrutura democrática, envolvendo debate público, campanhas eleitorais, política legislativa, lobby, procedimentos legais e processos judiciais, definição de agenda por grupos de interesse e think tanks, movimentos religiosos, protestos e manifestações, eventos da mídia, comentários da mídia partidária, cultura popular politizada e discurso acadêmico (CHAPMAN, 2010, p. 27)⁴.

E qual a relação das produções da Brasil Paralelo com a Guerra Cultural? Hunter nos traz argumentos esclarecedores afirmando que a Guerra Cultural contemporânea tem um elenco diferenciado e que a educação é justamente um dos segmentos culturais essenciais nessa guerra, tendo as mídias papel crucial como sua impulsionadora (HUNTER, 1991, p. 12).

João César de Castro Rocha (2021), ao identificar o fenômeno da guerra cultural como parte da ofensiva da extrema-direita brasileira, destaca o papel da produtora na “[...] tarefa de produzir fatos alternativos em série, sem parcimônia alguma” (ROCHA, 2021).

Ao identificarmos a função da produtora na guerra cultural em curso no Brasil, buscamos compreender o seu caráter amplo. Na sequência, propomos o debate sobre o movimento da chamada *alt-right* norte americana, que tem servido de modelo para ativistas da extrema-direita brasileira. Ainda destacamos a emergência de uma forma de história própria desses grupos, a *alt-history*.

Alt-right e Alt-history – análise da série Brasil: a última cruzada

Em discurso realizado em Reno, Nevada, durante a corrida presidencial em 2016, Hillary Clinton, candidata democrata, afirmou que a campanha de Donald Trump, candidato republicano, era apoiada por uma “ideologia racista” conhecida como *alt-right*. Naquele momento, iniciavam-se os debates na esfera pública sobre a presença de figuras ligadas à extrema-direita na campanha de Trump impulsionada pela presença, na sua equipe, do CEO do site Breitbart News, Steve Bannon.

Breitbart News é um portal norte americano criado por Andrew Breitbart em 2007, que tinha como objetivo apresentar conteúdos de extrema-direita para o grande público. Nele foram divulgadas informações falsas, teorias da conspiração e todo tipo de histórias intencionalmente manipuladas que difundiam as perspectivas misóginas, xenófobas e racistas do seu porta-voz.

Apesar da importância do Breitbart News enquanto veículo de extrema-direita que pavimentou a origem do movimento conhecido como *alt-right*, não foi no portal que o termo se originou. Conforme explica George Hawley (2017), o responsável pela criação do conceito *alt-right* foi Paul Gottfried, professor e filósofo de extrema-direita norte americano e crítico do neoconservadorismo, que em uma palestra realizada em 2008 indicou a necessidade de criar uma “alternativa” ao neoconservadorismo. No entanto, o conceito foi apropriado por Richard Spencer, um supremacista branco norte-americano, e discípulo de Gottfried, responsável pela criação do site *altright.com* em 2010.

Neste contexto se originou a *alt-right* ou direita-alternativa. Na definição apresentada por Teitelbaum (2020),

articulated, sharply differentiated world views. Rather, these moral visions take expression as *polarizing impulses* or *tendencies* in American culture. It is important, in this light, to make a distinction between how these moral visions are institutionalized in different organizations and in public rhetoric, and how ordinary Americans relate to them (HUNTER, 1991, p. 43).

⁴ Rather, the skirmishes of the culture wars generally have been contained within a democratic framework, involving public debate, election campaigns, legislative politics, lobbying, legal proceedings and court cases, agenda setting by interest groups and think tanks, religious movements, protests and demonstrations, media events, partisan media commentary, politicized popular culture, and academic discourse (CHAPMAN, 2010, p. 27).

Usava-se “direita alternativa” como uma espécie de termo guarda-chuva para uma gama de movimentos e ideologias diferentes, alguns incompatíveis entre si. O que tinham em comum era uma forte oposição à imigração, uma hostilidade ao conservadorismo convencional no Partido Republicano (daí o “alternativa” no nome) e – a inovação principal, por isso a abreviação *alt-right* – um foco metodológico no ativismo on-line (TEITELBAUM, 2020, p. 193).

Em direção semelhante, George Hawley (2017) define a *alt-right* como um posicionamento que rejeita o movimento conservador dominante. Thomas Main (2018) descreve como um conjunto de posicionamentos de extrema-direita conhecidos. Em todas as definições, é possível identificar a *alt-right* enquanto um movimento político que reúne ideias extremistas de direita.

Dentre as ideias ou movimentos que compõem o quadro ideológico da chamada *alt-right*, Hawley (2017) localiza-se o tradicional nacionalismo branco norte americano, os paleo conservadores, o libertarianismo radical, os movimentos de extrema-direita europeus, os movimentos anti-imigração, a guerra conservadora contra o “politicamente correto” e outros movimentos extremistas online. Todos eles, apropriados de diferentes formas, constituem a ideologia da “direita alternativa” norte-americana.

A novidade está na forma online como a *alt-right* opera. Sobre isso, Hawley (2017) explica que “a *alt-right* é quase exclusivamente um fenômeno online⁵” (HAWLEY, 2017, p. 18). Por se tratar de um movimento online, a direita alternativa se institui por meio da prática dos chamados *trolls*, internautas que promovem a discórdia por meio de reações emocionais fortes e mudanças repentinas de assunto em tópicos variados” (HAWLEY, 2017, p. 19). Os *trolls* constituem um “exército virtual” para a *alt-right*.

Louie Dean Valencia-Garcia (2020) propõe uma reflexão sobre as formas como os grupos de extrema-direita e mais especificamente a *alt-right* norte-americana mobilizam o passado na construção das suas narrativas. Dessa forma, identifica uma tentativa de “reescrita” da história, que tem como objetivo legitimar o essencialismo, racismo, sexismo, etnocentrismo, nacionalismo e as crenças heteronormativas (VALENCIA-GARCÍA, 2020, p. 7).

Tratando especificamente do movimento norte-americano, Valencia-Garcia (2020) sugere o conceito de *alt-history* ou história alternativa. Sobre o termo, o autor explica que:

O termo “história alternativa” refere-se ao movimento “direita alternativa” do nacionalista branco Richard Spencer – que prontamente interpreta mal o passado e então se refere à sua própria história alternativa como autoridade –, e a retórica usada pela conselheira de Trump, Kellyanne Conway, que de forma infame cunhou a frase ‘fatos alternativos’ para descrever seu (ab)uso e as suas interpretações distorcidas dos fatos ao dar uma entrevista no programa político americano *Conheça a imprensa* em 2017. O uso da frase por Conway indicava uma seleção de “fatos” (que para ela não precisavam ser verdade) para construir uma narrativa política útil – aquela que é apenas paralela o suficiente em relação a verdade que se deve aprender a identificar [...]⁶ (VALENCIA-GARCÍA, 2020, p. 7).

Nessa perspectiva, o discurso histórico serve como forma de legitimar as ações do presente. Essa forma de história é apresentada como fragmentos desconectados utilizados para construir uma perspectiva mítica do passado. Dessa forma, podemos compreender a “história alternativa” enquanto um discurso ideológico que se propõe a “resgatar o passado nacional”. O passado, considerado de forma singular e não plural.

Ainda de acordo com Valencia-Garcia (2020), a *alt-history* apresenta sete características: 1) negacionismo histórico; 2) crença em uma perspectiva cíclica ou teleológica de história; 3)

⁵ No original “The Alt-Right is almost exclusively an online phenomenon” (HAWLEY, 2017, p. 18).

⁶ No original “The term ‘alt-history’ refers to both white nationalist Richard Spencer’s ‘alt-right’ movement—which readily misconstrues the past and then refers to their own alt-history as authority—, and the rhetoric used by Trump’s counsellor, Kellyanne Conway, who infamously coined the phrase ‘alternative facts’ to describe her (ab)use and skewed interpretations of fact when giving an interview on the American political show Meet the Press in 2017. Conway’s use of the phrase indicated a selection of ‘facts’ (which for her did not have to be true) to construct a politically useful narrative—one that is just parallel enough to truth that one must learn to identify [...].” (VALENCIA-GARCIA, 2020, p. 7).

compreensão da mudança como degeneração; 4) mitologização; 5) nostalgia de um passado imaginado; 6) caráter a-histórico; 7) forma fragmentada, muitas vezes sustentada em elementos da memória pública popular.

Um exemplo utilizado por Valencia-Garcia (2020) é a obra *The Big Lie: exposing the nazi roots of the american left* escrita pelo comentarista político Dinesh Joseph D'Souza. Na obra, D'Souza defende a ideia de que "Hitler era socialista". O objetivo era dar legitimidade ao discurso negacionista de que o nazismo foi um regime socialista. A intenção política seria desresponsabilizar a extrema-direita pelo holocausto durante a Segunda Guerra Mundial.

No Brasil, Michele Prado (2021) publicou recentemente um livro que contribui para compreendermos as relações entre a *alt-right* norte-americana e a extrema-direita brasileira. Na obra, a autora demonstra o papel de Olavo de Carvalho e de seus alunos na disseminação de conteúdos produzidos pelos extremistas norte-americanos. Dentre os personagens citados por Prado (2021) como vetores desse discurso identificamos, além de Olavo de Carvalho, Ernesto Araújo, ex-ministro das Relações Exteriores e Filipe Martins, Assessor Especial para Assuntos Internacionais do Presidente da República. Todos eles participaram de produções da empresa Brasil Paralelo.

Partindo do debate acerca da *alt-right* e da sua difusão no Brasil e tomando o conceito de *alt-history* de Valencia-Garcia (2020), passamos a analisar a série *Brasil: a última cruzada* produzida pela Brasil Paralelo. Iniciamos nos dedicando a analisar os dados quantitativos da série na plataforma Youtube:

Tabela 1 – Dados quantitativos da série *Brasil: a última cruzada*

Episódio	Data de publicação	Tempo	Visualizações⁷
A Cruz e a espada	20 de set. de 2017	51:44	3.151.774
A Vila Rica	19 de out. de 2017	1:09:28	1.490.286
A guilhotina da igualdade	14 de nov. de 2017	57:50	1.167.424
Independência ou Morte	21 de dez. 2017	1:14:04	1.042.180
O último reinado	22 de mar. de 2018	1:18:59	1.083.416
Era Vargas: o crepúsculo de um ídolo	Data não identificada	1:25:01	1.660.057

Fonte: pesquisa dos autores (2021).

Os dados extraídos da plataforma Youtube e Social Blade, permitiram identificar o sucesso de público da série. Considerando os seis⁸ episódios analisados, foram mais de nove milhões de visualizações. Na lista de vídeos mais visualizados da empresa no Youtube identificamos A cruz e a espada (2º lugar), Era Vargas: o crepúsculo de um ídolo (8º lugar), Vila Rica (13º lugar), A guilhotina da liberdade (25º lugar), O último reinado (29º lugar) e Independência ou Morte (34º lugar).

Antes do início do primeiro episódio analisado, é possível assistir um vídeo interpretado e narrado por Filipe Valerim, um dos proprietários da Brasil Paralelo, que diz:

Olá, bem-vindos ao lançamento da série *Brasil – A Última Cruzada*. Você está prestes a conhecer uma história de sacrifício, virtude e coragem que nos foi negada por tanto tempo. Reunimos mais de 50 especialistas para produzir a maior série já feita sobre a história do Brasil. Você está prestes a assistir a uma narrativa séria sobre sua história. O Brasil Paralelo é uma organização 100% privada. Nosso objetivo é reverter todos os danos causados em nossa cultura nos últimos anos. Não recebemos nenhum dinheiro público. Nossa independência é assegurada por milhares de pessoas que estão em contato com nosso trabalho e decidem se associar e financiar essa transformação cultural. Ao se tornar membro do Brasil Paralelo você terá acesso a uma plataforma com mais de 50 aulas exclusivas com especialistas que ampliarão sua visão de mundo. Um grupo fechado onde nos encontraremos e planejaremos juntos o futuro. Você poderá discutir com outros membros sobre cada entrevista. Participe de encontros presenciais e tenha

⁷ O número de visualizações contempla os acessos ao vídeo da data de sua publicação até o dia 30 de agosto de 2021.

⁸ Na página da empresa o vídeo "1964: O Brasil entre armas e livros", lançado em 2019, é considerado o sétimo episódio da série.

acesso à produção diariamente nos bastidores. Mas devo dizer que o mais importante é que o seu apoio financeiro possibilita que novas produções sejam feitas gratuitamente para que cada vez mais os brasileiros tenham a chance de despertar suas consciências. É a nossa chance de fazer algo eficaz pelo nosso país. Durante o lançamento desta série você terá acesso ao preço promocional para se tornar um membro. Este preço é por um período limitado de tempo. Não perca seu tempo. Junte-se a nós.

A fala de Valerim nos permite tecer algumas considerações sobre os elementos que compõem a concepção de História do canal, e o seu uso como instrumento da guerra cultural.

A concepção de História da empresa parece se aproximar da teoria exemplar, que entende a “história como mestra da vida”. Neste sentido, a história enquanto um conjunto de ações de sujeitos individuais, os heróis, serviria como exemplo “de sacrifício, virtude e coragem”. Neste ínterim, seria possível a existência de apenas uma “verdadeira história, livre de narrativas ideológicas”. O recurso a uma pretensa imparcialidade já nos indica uma adesão a um modelo de História.

Os objetivos da empresa de transformar culturalmente o Brasil se aproximam da proposta de guerra cultural de Hunter (1991), entendida enquanto um processo de disputa que tem como objetivo o domínio do *ethos* cultural e moral em determinada sociedade. Corrigir os “danos causados em nossa cultura” parece evidenciar esse movimento.

Outro elemento de destaque no discurso de Valerim, e que será retomado em outros momentos, é o caráter profético assumido pela proposta da empresa. Nessa direção, a Brasil Paralelo, como o próprio nome sugere, seria portadora de uma verdade escondida, que seria apresentada de forma reveladora. Assim, a verdade assume uma forma teológica e absoluta.

Ao analisarmos o conteúdo dos seis primeiros episódios da série Brasil: a última cruzada, foi possível identificar que a Brasil Paralelo produz um discurso que se aproxima da *alt-history* proposta por Valencia-Garcia (2020). Dessa forma, o passado idealizado é apresentado na forma de fragmentos que compõem um enredo organizado de forma teleológica, que nega a complexidade e diversidade dos passados.

Os elementos apresentados foram selecionados após a análise dos seis primeiros episódios da série. A análise não teve a intenção de elencar todos os discursos que apresentam as características da *alt-history* propostas por Valencia-Garcia (2020), mas de exemplificar a sua recorrência no conteúdo da série.

O primeiro elemento identificado por Valencia-Garcia (2020) é o negacionismo histórico. Por negacionismo compreendemos, a partir de Napolitano (2021), a distorção da história que pode ser caracterizada de duas formas: o negacionismo e o negacionismo ideológico. A primeira forma está relacionada ao uso da mentira. Já a segunda, ao uso seletivo de fatos do passado para reforçar um elemento negacionista.

No episódio 2, intitulado “A Vila Rica”, José Carlos Sepúlveda, apresentado como analista político, afirma que, “Se ensina muitas vezes na escola que para aqui vieram bandidos e vieram atrás do ouro que vieram matar os índios e essa é uma irrealidade que habita sobre a história do Brasil e quem não entende isso não entende exatamente a grandeza do Brasil”.

Neste caso, observamos as duas distorções do passado próprias do negacionismo. Primeiro, a mentira simples, na negação do interesse comercial português nos metais preciosos. Segundo, a negação ideológica no exercício retórico da afirmação de que os portugueses “vieram matar os índios”. Tal exercício, ao utilizar uma “meia verdade”, de que os portugueses não vieram com essa intenção, procura dar sustentação a negação do genocídio indígena fartamente documentado e evidenciado pela historiografia.

A perspectiva teleológica de História da série pode ser identificada logo na introdução do Episódio 1 “A cruz e a espada”. Nele, o narrador afirma que

Assim como a biografia de um homem começa na história de seus ancestrais, nossa pátria não pode ser entendida fora daquele que a concebeu e gestou. E a nossa identidade terá que ser

buscada em acontecimentos enterrados por muitos anos a milhares de quilômetros no Velho Mundo e nas profundezas do oceano.

Nesta passagem, observa-se a perspectiva genealógica vinculada a ideia de um início que nos trouxe até aqui. Dessa forma, o passado é apropriado como um continuum com um início, meio e fim, desconsiderando a complexidade da relação passado, presente e futuro.

A mudança como degeneração pode ser exemplificada no episódio 3 – “A guilhotina da igualdade”, que apresenta a Revolução Francesa como uma “tragédia”, que promoveu violência e desordem em um mundo antes assentado nos pressupostos religiosos.

A mitologização do passado está representada em diversas passagens da série. No episódio 1 os templários são caracterizados como “defensores da fé, das Cruzadas, e da Terra Santa”, que foram duramente perseguidos e assassinados. Homens de virtude e de fé, que foram responsáveis pela reconquista da Terra Santa e pela sobrevivência da civilização ocidental.

No episódio 2, “A Vila Rica”, os bandeirantes são descritos como responsáveis por desbravarem e desenvolverem economicamente o Brasil. Apresentados como descendentes diretos dos portugueses são apresentados como virtuosos, corajosos e com “espírito empreendedor”.

No episódio 4, “Independência ou Morte”, José Bonifácio é descrito como

[...] um brasileiro de formação acadêmica ímpar fluente em diversas línguas, aquele que viu a revolução francesa acontecer diante de seus olhos, aquele que lutou com arma em punho contra o exército revolucionário francês, agora estava de volta ao Brasil para mudar a história de uma nação para sempre.

Em todos os casos, os grupos ou personagens são representados como responsáveis por mudar o curso da história. Virtuosos e abnegados, foram responsáveis pela constituição do que hoje compreende o Brasil. Esse discurso apaga toda e qualquer complexidade dos passados e dos sujeitos históricos.

O elemento nostálgico identificado por Valencia-Garcia (2020) pode ser visualizado na compreensão do mundo medieval sugerida no episódio 1, “A cruz e a espada”:

Esta história, tal como se conta, de que os portugueses só saem para procurar especiarias e para ter melhor acesso às rotas comerciais, isso não se justifica de forma alguma, trata-se de um completo desconhecimento do que era Portugal. Do que era o mundo medieval ...o mundo medieval é um mundo de grandes guerreiros!

Ao identificar neste período a virtude da coragem dos guerreiros, a série silencia sobre as violências e atrocidades por eles cometidas. Esse movimento de valoração moral do período medieval parece representar um sentimento de “saudades” de um período compreendido pela empresa como “desejável” e “positivo”.

Em diferentes momentos o caráter histórico próprio da *alt-history* se apresenta no discurso da série. No mesmo episódio 1, o narrador explica que,

Quando vivemos nossas vidas diárias aqui no século 21, desfrutamos desse legado que é a Filosofia Grega, a Lei Romana, a moral Judaica Cristã e a experiência acumulada de nossos ancestrais fazem parte de nós. A esse patrimônio chamamos de civilização ocidental.

Neste fragmento, observamos a ausência de reflexão sobre as relações complexas estabelecidas entre passado e presente. O passado é tomado como um continuum inevitável representado pela ancestralidade. Além disso, a série silencia sobre a importância das filosofias orientais e das cosmologias diversas para a formação do mundo em que vivemos. Esse silêncio diz muito sobre o mundo que se pretende construído pela Brasil Paralelo. Um mundo marcadamente europeu, branco e cristão.

Por fim, identificamos no mesmo episódio, em uma fala de Olavo de Carvalho, o caráter

fragmentado, e relacionado à memória, que assume o passado na série:

Bem, a história é a própria identidade nacional. E o que é isso, é a memória coletiva de grandes conquistas feitas ou realizadas em comum e dão às pessoas uma noção do contexto de suas próprias vidas e da origem de seus valores, sentimentos e assim por diante (1º episódio).

A fala apresenta uma concepção extremamente problemática, para não dizer de forma direta, completamente equivocada do que é História. Primeiro, o entrevistado sugere que a identidade nacional, sem defini-la, é a própria história. Na sequência, ele identifica essa identidade com a memória coletiva, sem distinguir história e memória. Dessa forma, a série acaba por expressar uma visão fragmentada e de senso comum, que acaba por equivaler à história e à memória.

História e memória, apesar de nascerem de uma preocupação comum e partilharem um mesmo objeto, o passado, conforme explica Enzo Traverso (2012), possuem distinções importantes. De acordo com o mesmo autor, “A história é um relato, uma escrita do passado segundo as modalidades e as regras de um ofício – de uma arte ou, com muitas aspás, de uma “ciência” – que tenta responder a questões suscitadas pela memória” (TRAVERSO, 2012, p. 21).

Dessa forma, é consensual no campo da História as diferenças entre História e memória, desconsideradas pela empresa Brasil Paralelo na produção da série analisada.

***Alt-history* e ensino de História: desafios do tempo presente**

O negacionismo histórico representado pela *alt-history* não é um fenômeno novo. Pierre Vidal-Naquet (1981), em obra seminal sobre o negacionismo do Holocausto, já anunciara a função perversa exercida por esses discursos. Para ele, os negacionistas agem “[...] para destruir, não a verdade, que é indestrutível, mas a tomada de consciência da verdade” (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 9).

Em seu conjunto de ensaios, Naquet (1988), apesar de fazer referência ao negacionismo do Holocausto, anuncia o que parece ser uma característica do negacionismo próprio da *alt-history*, o uso de estudos pseudocientíficos e pseudocríticos como forma de dar credibilidade à falsidade. Nessa tentativa de dar credibilidade ao movimento negacionista, houve até a intenção de sequestro do conceito de revisionismo como elemento legitimador (TRAVERSO, 2012). No entanto, podemos dizer que há uma novidade no negacionismo difundido pela *alt-right* por meio da *alt-history*, a velocidade de sua propagação em decorrência da cultura digital.

De acordo com Rogério da Costa (2008), a cultura digital pode ser explicada pela expansão das tecnologias digitais ocorrida desde a segunda metade da década de 1990. Em direção semelhante, Castells (2008) destaca os elementos infra estruturais que possibilitaram a ascensão dessa nova forma de cultura.

Santaella (2003), para além dos elementos materiais, destaca a mudança nas formas de comunicação provocadas pela cultura digital. De acordo com ela, a partir dessa forma cultural se observa um aprofundamento do “paradigma informacional”, caracterizado pela “replicabilidade” das informações. Dessa forma, na cultura digital as informações circulam em maior quantidade e com maior velocidade.

Tomando como ponto de partida a replicabilidade e velocidade de circulação das informações na cultura digital passamos a considerar os desafios colocados ao ensino de História.

Aldair Rodrigues (2018), em texto que discute as potencialidades e desafios do ensino de História na chamada “era digital”, apresenta considerações importantes sobre esse debate. Mesmo considerando a existência da exclusão digital no Brasil, este autor discute a “nova estética da narrativa histórica” e os seus impactos na sala de aula de História. Nessa direção, tensiona as questões do que chama de “fake history” e “revisionismo conservador”. Sobre eles, indica que

Se na historiografia as revisões sobre consensos interpretativos bem estabelecidos emergem de agendas de pesquisa que se apoiam em evidências empíricas, cuidados teóricos metodológicos lastreados em ampla bibliografia e em conexão com o contexto histórico onde o historiador está inserido, o revisionismo populista das redes sociais é seletivo, interessado, ideologicamente simplificador, produzido e consumido de acordo com a propensão ideológica do seu produtor e do seu leitor, constituindo uma espécie de história à la carte (RODRIGUES, 2018, p. 162).

A ideia de “história a la carte” apresentada por Rodrigues (2018) parece interessante para pensar a forma como a história produzida pela Brasil Paralelo pode reverberar na aula de História. Dado o seu caráter seletivo, interessado e simplificador, as narrativas produzidas pela Brasil Paralelo têm uma dupla potencialidade. De um lado, podem contribuir para aprofundar a propagação do negacionismo histórico nos dois sentidos indicados por Napolitano (2021). De outro, podem possibilitar a problematização do conhecimento histórico em sala de aula.

Considerando o combate à primeira e as possibilidades abertas pela segunda, passamos a considerar algumas formas de lidar com a *alt-history* digital produzida pela Brasil Paralelo. Para isso, lançamos mão de um conjunto de autores que já têm refletido sobre o negacionismo histórico e o caso específico da Brasil Paralelo no Brasil.

Partimos da compreensão de Valim e Avelar (2020) de que o negacionismo representa um elemento da “governamentalidade contemporânea”, ou seja, de que esses discursos não são parte de um “submundo” da cultura, mas sim são constituidores de políticas públicas e formas de ação no mundo. Dessa forma, identificamos a necessidade de ampliarmos o debate sobre os negacionismos, para além dos históricos, na sala de aula de História, permitindo um processo de reflexão expandida e responsabilização na vida prática.

Sobre o caso específico da Brasil Paralelo, recorremos às reflexões de Nicolazzi (2019) e Avila (2021), que nos permitem propor algumas possibilidades de ação na sala de aula. Fernando Nicolazzi (2019), em texto publicado no portal Sul21, discute a natureza do discurso produzido pela Brasil Paralelo destacando que devemos nos ater menos à prática da empresa, e mais ao seu objeto. Dessa forma, Nicolazzi (2019) parece indicar um pressuposto inicial básico para lidar com esse tipo de História em sala de aula: o seu escrutínio crítico. Somente dessa maneira poderemos introduzir a problemática de forma apropriada.

No aprofundamento da reflexão, Arthur Lima de Avila (2021) sugere como possível alternativa o “pluralismo historiográfico”. Conforme bem especificado por ele, analisando o caso da Brasil Paralelo, o negacionismo produzido pela empresa opera não apenas na falsificação empírica, mas principalmente nos “silêncios, mistificações, ocultamentos e minimizações” (AVILA, 2021, p. 164). Diante dessa característica, nos parece primordial reforçar a necessidade de discutirmos com os estudantes a natureza da História enquanto conhecimento humano, provocando uma reflexão sobre as suas formas de verificabilidade.

Essa reflexão não significa a tentativa de restabelecer a autoridade do conhecimento histórico absolutizando-o ou evocando uma pretensa cientificidade sustentada em paradigmas positivistas ou metódicos, mas sim uma discussão que possibilite aos estudantes manejarem uma noção historicamente utilizável do passado (LEE, 2016, p. 121).

Dessa forma, recorremos a proposta de “literacia histórica” desenvolvida por Peter Lee (2016). Na compreensão deste autor, ler o mundo historicamente exige: 1) a compreensão da história enquanto uma forma de ver o mundo; 2) uma forma de compreensão histórica que permita desenvolver noções de validade e verdade histórica; 3) o conhecimento substantivo dos conteúdos do passado que permita configurar um passado histórico utilizável.

Utilizando essa metodologia pensamos ser possível combater o aprofundamento dos negacionismos transformando-os em ponto de partida para a construção de leituras dos passados mais aproveitáveis e significativas para os estudantes.

Últimas considerações

Tivemos como objetivo neste artigo analisar a natureza do discurso da série *Brasil: a última cruzada* produzida pela empresa Brasil Paralelo. Por meio deste intuito, procuramos apresentar um breve histórico da empresa, destacando o seu projeto de “transformação cultural”. Tal projeto, parece indicar a sua função na guerra cultural em curso no Brasil.

O conceito de guerra cultural apropriado neste texto da experiência estadunidense, mas já identificado na conjuntura política brasileira parece justificar o “entusiasmo missionário” (AVILA, 2021, p. 165) no discurso produzido pela empresa. Dessa forma, a produção de conteúdos históricos, compõem esse quadro de guerra cultural esquadrihado pela empresa.

Na sequência, procuramos desenvolver uma compreensão do movimento intitulado *alt-right* ou “direita alternativa”, originário dos Estados Unidos da América no século XXI, e que provocou reações no Brasil. Para isso, consideramos a difusão das ideias desse movimento por figuras políticas brasileiras, propositalmente escolhidas como entrevistadas pela Brasil Paralelo na produção dos seus vídeos.

Alinhada a ela, a emergência de uma forma de história compreendida como *alt-history* ou “história alternativa” marcadamente negacionista e reacionária. Essa forma de discurso objetiva configurar uma espécie de “história terapêutica”, que simplifica os passados em um enredo constituído por fragmentos de eventos resultantes da ação individual de sujeitos abnegados. As características dessa forma de história podem ser visualizadas na análise dos seis episódios da série.

Por fim, consideramos os desafios e possibilidades da *alt-history* para o ensino de História. Para isso, compreendemos a necessidade de desvelarmos todas as formas de negacionismos presentes no cotidiano dos estudantes, possibilitando a sua compreensão enquanto uma tentativa de “falsificação”, mas também de “manipulação” dos passados. Manipulação aqui entendida enquanto uma forma de discurso que parte aprioristicamente de um objetivo ideológico utilizando elementos selecionados do passado para a comprovação de uma premissa.

Assim, propomos recuperar a função ético-política do ensino de História entendida não apenas como de formação para a cidadania, mas sobretudo de potencialização do pensamento histórico em sua especificidade.

Fontes

AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico. *Revista Brasileira de História*, v. 41, n. 87, p. 161-184, 2021.

BAZZAN, Alexandre. *Netflix dos bolsonaristas gastou R\$328 mil em anúncios de Facebook e Instagram*. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,netflix-dos-bolsonaristas-gastou-r-328-mil-em-anuncios-de-facebook-e-instagram,70003455670>. Acesso em 21 jul. 2021.

CAPÍTULO 2 – A Vila Rica | Brasil – A Última Cruzada. (69 min. 28 seg.); son.; color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svViHH8IBVg>. Acesso em: 1 jun. 2021.

CAPÍTULO 2 – A Vila Rica | Brasil – A Última Cruzada. (69 min. 28 seg.); son.; color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svViHH8IBVg>. Acesso em: 1 jun. 2021.

CASTELLS, Manuel. Un mapa de sus interacciones. *Revista TELOS*, n. 77, p. 1-7, 2008.

CASTELLS, Manuel. Un mapa de sus interacciones. *Revista TELOS*, n. 77, p. 1-7, 2008. COSTA, Rodrigo da. *A cultura digital*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BOLETIM DA LIBERDADE. *Brasil Paralelo*: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. Disponível em <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>. Acesso em 21 jul. 2021.

CHAPMAN, Roger. *Culture wars: an encyclopedia of issues, viewpoints, and voices*. Armonk / London: M.E. Sharpe, 2010.

BOLETIM DA LIBERDADE. *Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet*. Disponível em <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>. Acesso em 21 jul. 2021.

MENEGALE, Gabriel; BERLANZA, Lucas; AZEVEDO, Pedro Rafael. *Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet*. Disponível em <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>. Acesso em 1 jul. 2021.

ZANINI, Fábio. *Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser Netflix da direita*. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml>. Acesso em 21 jul. 2021.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá. *Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais*. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/>. Acesso em 1 jul. 2020.

Referências

COSTA, Rodrigo da. *A cultura digital*. São Paulo: Publifolha, 2008.

CHAPMAN, Roger. *Culture wars: an encyclopedia of issues, viewpoints, and voices*. Armonk / London: M.E. Sharpe, 2010.

HUNTER, James Davison. *Culture Wars: The Struggle to Define America*. New York: BasicBooks, 1991.

HAWLEY, George. *Making sense of the alt-right*. New York: Columbia University Press, 2017.

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. *Educar em Revista*, n. 60, p. 107-146, 2016.

MAIN, Thomas. *The Rise of the alt-right*. Washington: Brookings Institution Press, 2018.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 74, p. 135-154, 2017.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *Novos combates pela História: desafios – ensino*. Campinas: Contexto, 2021, p. 85-114.

NICOLAZZI, Fernando. O Brasil Paralelo entre o passado histórico e a picanha de papelão. *Sul21*, 7 abr. 2019 às 12:22. Disponível em <https://sul21.com.br/opiniaio/2019/04/2019-o-brasil-paralelo-entre-o-passado-historico-e-a-picanha-de-papelao-por-fernando-nicolazzi/>. Acesso em 01 jul. 2021

PRADO, Michele. *Bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil*. São Paulo: Editora Lux, 2021.

ROCHA, João César de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos, 2021.

RODRIGUES, Aldair. O Ensino de História na era digital: potencialidades e desafios. In: DURÃO, Susana; FRANÇA, Isadora Lins (eds.). *Pensar com método*. Rio de Janeiro: Papéis selvagens, 2018, p. 145-175.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Famecos*, v. 22, p. 23-32, 2003.

SAYURI, Juliana. *Brasil Paralelo faz guerra de edições e disputa narrativas na Wikipédia*. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/09/guerra-de-edicoes-a-disputa-politica-de-narrativas-na-wikipedia.htm>. Acesso em 21 jul. 2021.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Lisboa: Unipop, 2012.

VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean. Far-Right revisionism and the end of History. In *Far-Right revisionism and the end of History: Alt/Histories*. New York / London: Routledge, 2020, p. 3-26.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo*. Campinas: Papirus, 1988.

Notas de autoria

Karina Oliveira Brito é Licenciada em História pela Universidade de Cuiabá (UNIC). Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora EBTT de História do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), campus Cuiabá. Pesquisadora da produção de conteúdos históricos nas mídias digitais, com projeto de doutoramento dedicado ao estudo dos produtos audiovisuais da empresa “Brasil Paralelo”, foi responsável por discutir a atuação da empresa e o uso da história como instrumento da guerra cultural no Brasil. E-mail: karinaoliveirabrito@gmail.com.

Oswaldo Rodrigues Junior é Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Mato Grosso. Pesquisador da relação entre as mídias digitais e o ensino de História foi responsável por contextualizar a *alt-right* e *alt-history* e pela análise da série “Brasil: a última cruzada!”. Ainda, pela reflexão dos possíveis impactos da *alt-history* no ensino de História. E-mail: osvaldo.junior@ufmt.br.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

BRITO, Karina Oliveira; RODRIGUES JÚNIOR, Oswaldo. A cruzada “alternativa” da Brasil Paralelo: a história como instrumento da guerra cultural. *Sæculum – Revista de História*, v. 26, n. 45, p. 231-246, 2021.

Contribuição de autoria

Karina Oliveira Brito e Oswaldo Rodrigues Junior contribuíram igualmente na concepção do texto, na coleta e na análise dos dados, na elaboração do manuscrito, na redação e na discussão de resultados durante a elaboração do artigo.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 01/08/2021.

Modificações solicitadas em 13/08/2021.

Aprovado em 28/10/2021.